

O TESTE PILOTO: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA E DIALÓGICA NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Cristiane Lisandra Danna (FURB)
crisdanna@gmail.com

RESUMO

O teste piloto é um momento em que o pesquisador consegue vivenciar como será a coleta de dados e o diálogo com os sujeitos de sua pesquisa. Por se caracterizar em uma situação discursiva em que a escrita está naturalmente integrada ao processo de interação entre os interlocutores, o teste piloto pode ser considerado um evento de letramento. Por meio de uma coleta documental, em que se analisou algumas dissertações escritas em uma das linhas de pesquisa de um mestrado em educação, procura-se compreender como esse teste é utilizado em pesquisas na área da educação. Os dados são analisados e discutidos a partir da concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, como também de alguns conceitos-chave que fazem parte dessa perspectiva teórica, além da teoria dos novos estudos do letramento. Nesse delinear teórico-dialógico, depreende-se que as interlocuções possibilitadas pela vivência de um momento em que o pesquisador testa a metodologia da pesquisa colaboram com a construção do eu-pesquisador imerso em um contexto social em que estão em jogo relações de poder e alteridade. Nesse movimento analítico, pode-se afirmar que o teste piloto se consolida como uma estratégia metodológica e dialógica em pesquisas qualitativas na área da educação, por possibilitar que o pesquisador participe de uma prática social que envolve a leitura e a escrita e em que os sujeitos assumem diferentes posições sociais de acordo com os objetivos dessa atividade discursiva.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Teste piloto. Dialogismo. Letramento.

1 INTRODUÇÃO

Para a realização de uma pesquisa, faz-se necessário uma série de planejamentos. Resumidamente, pode-se dizer que, normalmente, essa inicia com a delimitação do tema e dos objetivos, que guiarão as decisões metodológicas e teóricas. Após as delimitações, o pesquisador vai a campo para realizar a coleta de dados, que podem ser gerados naquele momento ou já estarem prontos, como documentos, por exemplo. De posse dos dados, vem o período de transcrições (quando se realiza uma entrevista, por exemplo) ou de leitura dos documentos e a análise e discussão dos dados, para posteriores apresentações e divulgações.

Esse processo de construção da pesquisa é sempre marcado por muitas vozes, como, a título de exemplificação, a do próprio pesquisador, do professor-orientador e de outros professores que conhecem a pesquisa, de colegas de turma, de outros pesquisadores, dos que

leem e aceitam os artigos que são submetidos a eventos e revistas. As diferentes vozes debatem, refletem, escrevem e contribuem para a totalidade da pesquisa.

Refletindo a respeito desse processo de construção de uma pesquisa, mais especificamente do caminhar metodológico no que diz respeito à realização do teste piloto, este artigo tem por objetivo compreender como esse teste é utilizado em pesquisas na área de educação.

O teste piloto pode ser considerado uma estratégia metodológica que auxilia o pesquisador a validar o instrumento de pesquisa desenhado, pois é aplicado antes dele entrar em contato com os sujeitos delimitados para o estudo. Yin (2005, p. 104) denomina essa estratégia de estudo de caso piloto e explica que: “O estudo de caso piloto auxilia-o na hora de aprimorar os planos para a coleta de dados tanto em relação ao conteúdo dos dados quanto aos procedimentos que devem ser seguidos”. Nessa perspectiva, o pesquisador participa de uma situação de teste, em que é delineado todo um momento que tem características muito próximas às que foram planejadas para a pesquisa, para que ele se familiarize com o instrumento de pesquisa planejado. Após a aplicação do teste e antes da decisão final de utilizar aquele instrumento, o pesquisador pode discutir com os pares como foi a realização do teste, se o instrumento é válido, se precisa ser modificado e se o que foi desenhado como metodologia possibilita atingir os objetivos da pesquisa.

Para poder compreender como esse teste é utilizado em pesquisas na área da educação, realizou-se uma coleta documental (TINOCO, 2008) no banco de dados (disponível por meio do *site* da biblioteca da instituição) de um programa de mestrado em educação de Santa Catarina. Para refinar a coleta, escolheu-se uma das linhas de pesquisa desse mestrado, que estuda as práticas de linguagem e o letramento, entre outros aspectos. Com essa coleta, foram identificadas 14 dissertações, no período de 2006 a 2011, que utilizaram o teste piloto (por meio da lista de dissertações defendidas que o *site* do mestrado redimensiona para a biblioteca). Para este estudo, delimita-se o ano de 2009, pois foi o ano que mais apresentou dissertações que utilizaram essa estratégia metodológica, com 5 dissertações.

Os dados serão apresentados em itálico, sempre recuados à direita do texto, e analisados e discutidos a partir da concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, como também de alguns conceitos-chave que fazem parte dessa perspectiva teórica, além da teoria dos novos estudos do letramento, conforme apresentado na seção a seguir.

2 TESTE PILOTO: UMA VERDADEIRA POLIFONIA

Na atividade de pesquisa, o pesquisador nunca está só. Como já apresentado, essa é um trabalho permeado por muitas vozes, que se encontram e desencontram, sempre em um jogo de alteridade. São as diferentes vozes da pesquisa que possibilitam a construção de sentidos e de conhecimento. Segundo Amorim (2004, p. 19, grifos da autora), “[...] o conhecimento é uma questão de *voz*. O objeto que está sendo tratado num texto de pesquisa é ao mesmo tempo *objeto já falado*, *objeto a ser falado* e *objeto faltante*. Verdadeira polifonia que o pesquisador deve poder transmitir ao mesmo tempo que dela participa”.

Fazendo uma analogia com essa citação, pode-se dizer que o teste piloto é uma verdadeira polifonia, pois ao mesmo tempo em que o instrumento de pesquisa é testado o pesquisador participa da situação discursiva desenhada. Pesquisador e sujeitos são interlocutores do processo de construção metodológica, pois os sentidos construídos com essa experiência possibilitarão ao pesquisador, com outras vozes posteriores àquele momento, refinar e melhorar a metodologia da pesquisa. A respeito da experiência do teste piloto, a pesquisadora Sampaio (2009, p. 32) apresenta um relato sobre esse momento e enuncia:

Após a análise das experiências obtidas com as testagens, emitimos “um juízo” e delimitamos a pesquisa da seguinte forma: [...].

A experiência vivenciada por essa pesquisadora, os diálogos com os sujeitos participantes do teste piloto e as interlocuções posteriores à realização desse teste (que, se pressupõe foram realizadas nos momentos de discussão em grupo ou nos de orientação) deram voz ao conhecimento produzido e permitiu a construção de *um juízo* que a auxiliou a delimitar algumas características da pesquisa. Assim, o teste piloto torna-se um “*objeto já falado*, *objeto a ser falado* e *objeto faltante*” (AMORIM, 2004, p. 19, grifos da autora), porque foi enunciado pelos diferentes pesquisadores que o utilizaram em suas pesquisas em educação, é tema desta discussão e proporciona um processo reflexivo permeado por diferentes sentidos e também silêncios, pois não se tem a pretensão de esgotar essa temática neste espaço.

A pesquisadora Schork (2009) também relata sobre a realização de um teste piloto para poder validar o que foi planejado para o desenvolvimento do estudo feito. Sobre isso, ela enunciou:

[...] para o desenvolvimento do estudo proposto, sentimos a necessidade de elaborar um projeto-piloto (SCHORK, 2009, p. 30).

Compreende-se que a *necessidade de elaborar um projeto-piloto* é feita com a intenção de desenhar todo um contexto que se aproximará da situação discursiva de coleta de dados. Nesse contexto de teste, o pesquisador e o sujeito interagem socialmente. O pesquisador leva em consideração tanto o seu planejamento quanto para quem está dirigindo a sua fala. O sujeito analisa a situação e responde ao que é indagado de acordo com as relações de poder ali estabelecidas. Nessa interação, o discurso social vai se constituindo de acordo com a situação comunicacional e pela interação entre o pesquisador (locutor) e o sujeito (interlocutor) (BAKHTIN, 2006) por meio dos enunciados produzidos pelos participantes, que serão únicos e irrepetíveis. “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN, 2003, p. 289). Os enunciados produzidos em situação de teste serão um elo com a situação discursiva da pesquisa, porque construirão novos sentidos ao processo de construção de conhecimento. Por isso, afirma-se que o planejamento da realização de um teste piloto é permeado pela concepção dialógica de linguagem.

A respeito do resultado do teste piloto, o pesquisador Santos (2009, p. 15) contextualiza todas as etapas desse teste e, ao final de sua reflexão sobre essa experiência, relata:

Após análise dos dados coletados nas entrevistas-piloto e reflexões sobre o processo de aplicação destas, optou-se por alterar as questões propostas pela questão.

Com esse relato, depreende-se que a língua escrita guia todo o processo metodológico. É por meio dessa que os sujeitos interagem, participam da situação discursiva, planejam suas falas, compreendem o que é dito e estabelecem as estratégias comunicacionais. Por isso, considera-se o teste piloto um evento de letramento (HEATH, 1982; STREET, 2003), isto é, um momento observável do uso da leitura e da escrita. Nas palavras de Street (2003, p. 6): “[...] focalizar uma situação específica em que as coisas estejam acontecendo, e em que se possa vê-las – esse é o evento clássico de letramento, em que conseguimos observar um evento que envolva a leitura e/ou a escrita, e do qual podemos começar a determinar as características [...]”.

Outra pesquisadora que dissertou sobre o teste piloto foi Silva (2009, p. 32), que apresentou o motivo pelo qual desenvolveu o teste e depois enunciou:

Esta experiência nos permitiu testar, repensar e reformular nosso instrumento de coleta de registros.

Foi por meio da interlocução com o outro, nesse caso os participantes do teste piloto, que a pesquisadora pode *repensar* e construir novos sentidos com a experiência vivenciada. Na concepção dialógica de linguagem que se adota neste artigo, o outro (alteridade) é considerado um fator essencial para que a interlocução e a construção de sentidos aconteçam. Esse outro não são somente os sujeitos participantes da pesquisa, mas todos os envolvidos nesse processo e também os teóricos nos quais se apoiam. São as diferentes vozes, explicadas no início do artigo, que constituem o todo. “[...] o *outro* [...] é o interlocutor do pesquisador. Aquele *a quem* ele se dirige em situação de campo e *de quem ele fala* em seu texto (AMORIM, 2004, p. 22, grifos da autora).

Tanto para falar quanto para se escrever sempre se leva em consideração o outro, a quem será destinada a fala ou a escrita. O teste piloto torna-se o outro no processo metodológico da pesquisa. Faz-se essa reflexão, pois se entende que o pesquisador, primeiramente, planeja um instrumento. Depois o aplica em situação de teste e constrói diferentes respostas sobre essa situação e novos sentidos à metodologia da pesquisa. Em situação de campo, o pesquisador se dirige ao outro, na pesquisa ele fala desse outro. Além de falar do sujeito participante do teste, fala do teste piloto, que é o outro na metodologia da pesquisa. O pesquisador aplica o teste, analisa-o, para depois tecer considerações a respeito do instrumento de pesquisa. Antes, o pesquisador era falante, depois, tornou-se ouvinte do teste, para novamente se tornar falante e relatar as experiências, os ajustes, as melhorias, as contribuições de se realizar essa atividade no processo de pesquisa. Nessa alternância, novos sentidos e conhecimentos são construídos.

Nesse trabalho com o teste piloto também se pode discutir um pouco sobre um conceito-chave na teoria bakhtiniana, o conceito de cronotopo, uma “espécie de matriz espaço-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem” (AMORIM, 2010, p. 105). Para tanto, traz-se para essa discussão o relato da pesquisadora Thives (2009, p. 49) sobre a experiência com o teste piloto:

Para esta pesquisa o projeto-piloto foi de suma importância, pois muitos ajustes metodológicos, como também a escolha do campo e dos sujeitos da pesquisa, que foram repensados a partir das análises feitas no processo dos testes realizados com o projeto-piloto.

São vários os tempos e os espaços que estão em jogo quando se realiza um teste piloto. Primeiro, há o tempo e o espaço do planejamento e da escrita do instrumento. Depois, há o tempo e o espaço da aplicação do teste. Por fim, há o tempo e o espaço de análise do teste, *pois muitos ajustes metodológicos, como também a escolha do campo e dos sujeitos da pesquisa, que foram repensados a partir das análises feitas*, para posteriores modificações e tomadas de decisões. Esses tempos e espaços estão implícitos em todos os testes pilotos realizados. Então, no primeiro instante, o pesquisador planeja suas ações de acordo com o auditório social (BAKHTIN, 2006) de sua pesquisa. Em um segundo momento, participa ativamente da pesquisa, dialogando com os participantes do teste. Depois retorna ao seu trabalho de pesquisador e, em outro tempo e outro espaço, analisa o tempo e o espaço do teste, para escrever sobre ele e validar o instrumento. Em um momento quase final, quando escreve sobre a pesquisa, em um novo tempo e um novo espaço, relata toda a experiência vivida desde o primeiro passo.

Esse diálogo que está sempre aberto, ou seja, que não tem um acabamento, pois em diferentes tempos e diferentes espaços se pode discutir essa temática, produz a verdadeira polifonia da pesquisa. Todas as vezes que se escreve sobre algo que já aconteceu, não se consegue mais representar tudo como ocorreu, mesmo utilizando as mesmas palavras e as mesmas pessoas, pois, com já discutido, os enunciados são únicos e irrepetíveis na situação discursiva (BAKHTIN, 2003). Portanto, nessa perspectiva teórica, em cada tempo e espaço se constrói novos sentidos.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Discutir sobre o teste piloto é tentar compreender um pouco mais sobre o mundo da pesquisa. Um mundo dialógico, ideológico e letrado. A apresentação dessa estratégia metodológica faz eco (BAKHTIN, 2003) ao mundo da pesquisa, porque conforme Bakhtin (2003, p. 294), “Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados [...] é pleno de palavras

dos outros, de um grau vário de alteridade, de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância”.

Tanto esta escrita como os dados apresentados estão cheios de ecos de enunciados produzidos por outros pesquisadores em outros tempos e espaços. O teste piloto se constitui por meio da troca de experiências no contexto social da pesquisa e da interação com os enunciados produzidos pelas inúmeras vozes que compõem esse cenário.

Nesse delinear teórico-dialógico, depreende-se que as interlocuções possibilitadas pela vivência de um momento em que o pesquisador testa a metodologia da pesquisa colaboram com a construção do eu-pesquisador imerso em um contexto social em que estão em jogo relações de poder e alteridade. Nesse movimento analítico, pode-se afirmar que o teste piloto se consolida como uma estratégia metodológica e dialógica em pesquisas qualitativas na área da educação, por possibilitar que o pesquisador participe de uma prática social que envolve a leitura e a escrita e em que os sujeitos assumem diferentes posições sociais de acordo com os objetivos dessa atividade discursiva.

Diante disso, assume-se uma atitude responsiva ativa (BAKHTIN, 2003), pois ao ler e discutir sobre a temática, tentou-se concordar, completá-la e aplicá-la. Para tanto, concordasse com Bakhtin (2003, p. 279), quando explica que:

A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seus seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura.

Com isso, pretende-se que este artigo possa produzir muitas respostas e outras tantas perguntas e que nesse contexto comunicacional, ele ative a sua compreensão responsiva.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e Exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and the school. **Language and Society**, 11, p. 49-76, 1982. (In: WRAY, David (Org.). **Literacy: major themes in education**. Taylor e Francis, 2004.)

SAMPAIO, Ederlí da Silva Teixeira. **Na voz dos alunos os sentidos do ensino/aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar**. 120f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2009.

SANTOS, Christiano Ricardo dos. **Aula (?) de Geografia: uma análise discursiva**. 106f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2009.

SCHORK, Silvana. **A interlocução no processo de construção do texto: um enfoque interacional**. 129f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2009.

SILVA, Jamile Delagnelo Fagundes da. **Voltei a estudar pela empresa, por mim e pelos meus filhos: sentidos da EJA na empresa na voz de alunos trabalhadores**. 113f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2009.

STREET, B. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. **Teleconferência Unesco Brasil sobre Letramento e Diversidade**, out. 2003.

THIVES, Patrícia Ferreira. As vozes sociais que constituem os discursos dos professores em relação a sua identidade docente. 110f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2009.

TINOCO, Glícia M. Azevedo de M. **Projetos de Letramento: ação e formação de professores de língua materna**. 240f. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.